



6º Simposio de Ensino de Graduação

EXCURSÕES [IN] NIETZSCHE: PASSEIO FILOSÓFICO SOBRE O SUJEITO ARTISTA N'O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA

Autor(es)

JOSE DE ASSIS MORAES JUNIOR

Orientador(es)

JOSÉ LIMA JR.

1. Introdução

No primeiro momento, tratamos de um certo sentimento de fastio diante do signo, que é, por sua vez, sempre signo metafísico, na medida em que pretende-se dizer a respeito do sujeito artista na filosofia de Nietzsche. O malogro de uma investigação filosófica que se arremete para dentro do pensamento nietzscheano configura-se, sobretudo, na impossibilidade de se escapar à análise sempre metafísica de um conceito de homem. E, portanto, incorrer no erro maior deflagrado pelo filósofo de Sils-Maria, o erro da verdade metafísica. A simples proposição da questão a respeito do homem esconde, por detrás de imensas arquiteturas conceituais e metafísicas, ontológicas e antropológicas, o próprio homem, o homem mesmo. Não existem mais espaços onde tal afirmação metafísica subsista.

O homem só é possível como fenômeno estético, assim falava Nietzsche. Eis a que nos dedicamos no segundo momento da escrita. A fim de estender diante da compreensão do fenômeno da arte, na Grécia antiga, uma via epistemológica que transite na marginalidade do tipo de interpretação da metafísica tradicional, é que Nietzsche determina a questão estética como singular quanto à realização metafísica do homem.

2. Objetivos

A proposta de uma escrita a respeito de Friedrich Nietzsche, sobretudo enquanto exercício acadêmico, sempre é a de desnudar realidades profundas do pensamento contemporâneo. É, ainda, possível afirmar que Nietzsche inaugura um estilo contemporâneo de encarar o real, uma visão de mundo absolutamente outra e extemporânea. Nietzsche não é um filósofo de seu tempo.

Compreender que tipo de sujeito é o sujeito artista, amplamente considerado em seu primeiro escrito relevante, O Nascimento da Tragédia, de 1870-71, é indubitavelmente propedêutico a toda e qualquer consideração a respeito do homem, de um certo conceito de humanidade, em Nietzsche.

3. Desenvolvimento

Conquanto se pretenda a análise do sujeito artista como centro irradiador das questões aludidas nesta etapa do trabalho, a problemática que se delinea consiste na investigação das impressões referentes ao apolíneo e ao dionisíaco, forças artísticas da natureza, e as suas origens, para em seguida ostentar, sob o cunho de hipótese, a relação que ambos exercem na construção do sujeito artista, conceito fundamental para a teorização de uma plenitude do animal homem que Nietzsche descreverá como o além-homem, anos mais tarde, em Assim Falava Zaratustra.

É a partir de uma dada experiência teórica com o sujeito artista – acontecimento que marca a importância d'O Nascimento da Tragédia, sobretudo quando Nietzsche se refere à música alemã – que se estabelecerá, nos textos posteriores a 1871, cujos frutos mais sublimes serão colhidos encerrados em Assim Falava Zaratustra, as bases da análise a respeito do homem, da necessidade de transvaloração dos valores humanos e da existência inegável do eterno retorno, que, segundo ele, é a mais elevada forma da afirmação que se pode em absoluto alcançar (Nietzsche, 1995, p.82)

O que se apresenta então irremediavelmente necessário, a partir das conclusões supracitadas, é delimitar o espaço privilegiado ocupado pela arte como propedêutico à própria definição do sujeito artista que Nietzsche lança à baila, a fim de melhor desenhar os contornos de uma tal investida.

Vale lembrar que, subscrito em cada afirmação de O Nascimento da Tragédia, que doravante passo a referir-me sob a sigla NT, é a questão a respeito da origem da arte na Grécia arcaica, e do seu porquê como dado teórico que permite a proposição de um outro referencial metafísico para a correção do problema da metafísica tradicional, hereditariamente socrática, que permeia e circunscreve todo o empenho de Nietzsche na elaboração de um escrito, como ele próprio o afirma, assaz polêmico.

No bojo de uma discussão a respeito da origem da arte grega, sobretudo da especificidade do nascimento da tragédia grega, ainda que mergulhado nas entranhas da filologia acadêmica e das reminiscências metafísicas arrebanhadas em Schopenhauer, é que o jovem Nietzsche arremessa para o centro de toda problemática corrente em sua época uma interpretação absolutamente marginal, uma terceira possibilidade (Chaves, 2006, p.11), confeccionada a partir da influência ainda marcante da música de Richard Wagner.

Inicialmente, a proposta nietzscheana consiste em desconstruir, como dado essencial para o nascimento da arte, especificamente da arte grega, toda a linha epistemológica que imputava, aos gregos, um pretensioso sentimento de serenidade, um desmedido sentimento de in-afecção diante da existência que eles, supostamente, alimentavam como fundamental em seu caráter. Foi ainda sob os muros de Metz que Nietzsche traz à luz a convicção pessoal de que o nascimento da tragédia grega dá-se a partir de um certo espírito da música.

Sua questão central em NT diz respeito a questionar até que ponto toda interpretação filológica a respeito da serenojovialidade grega não circunscreve outra coisa senão uma degenerescente vontade de razão que os helenistas germânicos contemporâneos a Nietzsche alimentavam em relação à Grécia antiga. Será possível sustentar ainda a afirmação de que a arte grega tenha sua origem numa harmonia imanente ao espírito grego, ao caráter grego, ou ainda, num otimismo em relação à existência que o grego supostamente nutria em si como elemento mais natural? A proposição de tais questões e os questionamentos que lhes seguirão conduziram Nietzsche a conclusão de que os gregos, na verdade, necessitaram da experiência do pessimismo, do duro, do horrendo, a fim de superar o caráter inexplicavelmente doloroso da vida, a sua dolorosidade. E tais experiências fizeram irromper do pathos grego, segundo a interpretação nietzscheana, a significação mais verdadeira, mais coerente e eficaz à vida, a arte grega da tragédia. Segundo Rosa Maria Dias, em Nietzsche, a questão metafísica “que é a arte?” coincide com a questão existencial “qual o sentido da vida?” (Dias, 1994, p.23)

É à arte, e primeiramente à arte apolínea, que irrompe do fundo dionisíaco da realidade, e sua necessidade latente como a única justificativa possível para uma existência irremediavelmente sensível ao sofrimento e à dor primordial, como era o caso do homem grego arcaico, um tipo de homem infinitamente sensível e tão brilhantemente dotado para o sofrer (Nietzsche, 2005, p.16), que o artista e, fundamentalmente, o artista apolíneo, o artista da poesia épica, na expectativa fremente de redenção e salvação ante o horror do existir, recorre quando da experiência da vida. O manuseio da arte se assemelha, a fim de significar uma existência repleta do sentimento de dor, com o manuseio da religião mítica grega, uma religião exuberante, onde os deuses bailam um canto allegro de uma existência circunscrita em abundância e fartura.

É preciso entender que íntima relação se estabelece, sobretudo na origem da civilização grega, entre arte e

vida. A arte, em primeira instância, é uma espécie apolínea de representação que ilude a verdade horrível da vida na bela aparência do sonho, uma espécie de máscara por detrás da qual a existência se torna possível de ser transcorrida. Portanto, a simples referência à pergunta: quem é o sujeito artista encontrado na primeira fase do pensamento nietzscheano, exige, como força irradiadora de toda problemática contida na pergunta, a delimitação de um dado conhecimento a respeito da arte, sobretudo da arte grega arcaica.

É sempre diante do sentimento da dor perante a vida que os gregos confeccionaram sua arte e, mais especificamente, a arte apolínea, a arte da representação onírica, um tipo primeiro da arte originalmente grega. A arte do grego homérico tem a função médica de salvaguardar a vida, de soerguê-la da percepção terrível de sua verdade mais imanente. Os deuses do Olímpo são, na verdade, a doce falácia de que a vida é, agora, digna de ser vivida, dado que eles, embora sejam deuses, vivem-na integralmente. Tudo o que havia de terrível e de cruel no existir, agora, vê-se imerso, sob a crosta do embelezamento apolíneo, na aparência do sonho. Em sua gênese, a arte é a única significação moral possível. A aparência artística aqui esconde as cicatrizes da vida cotidiana, atua com o devir da existência terrivelmente experimentado de maneira a mascará-lo, forjando uma realidade que é, no fundo, a aparência da aparência, como afirma Nietzsche. A arte apolínea torna inconsciente uma realidade que a consciência do fenômeno não quer e, tampouco, pode suportar. Segundo Roberto Machado, trata-se de uma aparência necessária (...), é que o ser verdadeiro, o “uno originário” tem necessidade da bela aparência para sua libertação; uma libertação da dor pela aparência (Machado, 1999, p.19)

Segundo Roberto Machado, para Nietzsche, a valorização da arte – e não do conhecimento – como atividade que dá acesso às questões fundamentais da existência é a busca de uma alternativa contra a metafísica clássica criadora da racionalidade (Machado, 1999, p.29)

4. Resultado e Discussão

Assim pode-se afirmar que Nietzsche inaugura, de certo modo, uma via exegética que pretende encontrar na arte o terreno conceitual da gama de significações da existência; o que acaba por destituir, assim, a ciência do seu antigo papel de única intérprete das vicissitudes humanas e, finalmente, por atribuir à experiência estética da tragédia o de doadora do sentido imanente e natural da vida.

5. Considerações Finais

Ler Friedrich Nietzsche, na medida em que se pretende imergir em suas vicissitudes mais íntimas e especificidades mais próprias, exige um caráter que se propõe, corajosa e constantemente, o novo, o outro, o estranho, o desconhecido. Cada etapa da leitura pode e, irremediavelmente, nos deixará uma leve impressão de que ainda estamos por vir, de que ainda não alcançamos o escrito. O dinamismo da escrita nietzscheana, sua irresistível necessidade de superação, nos arremete a uma leitura, de igual forma, inacabável. Tomar em mãos um livro meu parece-me uma das mais raras distinções que alguém se pode conceder – suponho mesmo que tire as sandálias para fazê-lo (Nietzsche, 1995, p.52), assim falava o escritor de tão bons livros.

Deslindar o trajeto cujo início é a negação da possibilidade metafísica do homem e, portanto, buscar a urgência de reconstruir um dado conceito de subjetividade humana, a partir dos referenciais nietzscheanos, que se mostrasse, ao menos, como um ar de proximidade com os propósitos de Nietzsche, tarefa árdua que realizei no capítulo pós-introdutório de minha escrita, desnudou-me diante de umas cem mil outras descobertas a respeito do tema, descobertas tais que me impuseram a tarefa de reescrita algumas vezes. Enfrentar os temas nietzscheanos foi, a despeito do prazer imenso que a leitura nietzscheana possa realmente causar, um exercício de aspereza contra as mais impiedosas ânsias de tranquilidade que o espírito de nossos tempos reivindica ardentemente para si. Escrever a respeito de Nietzsche, sem ferir-lhe, ou seja, escrever a seu respeito nietzscheaneamente exige uma disposição tal que, em questões da escrita monográfica, cuja característica fundamental é tecer um comentário em síntese dos temas escolhidos, torna-se uma investida que deverá ser perseguida por uma vida inteira. O que se propõe aqui, portanto, embora se queira persistir na profundidade de Nietzsche, é explorar, na perspectiva da excursão, algumas possibilidades epistemológicas dos problemas encontrados na filosofia de Nietzsche, para quem o encanto e

a sedução trabalham com dedicação sublime.

Referências Bibliográficas

CHAVES, Ernani. Nas Origens do Nascimento da Tragédia. In: NIETZSCHE, Friedrich. **Introdução à Tragédia de Sófocles**. Tradução de Ernani Chaves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

GIACÓIA JR, Oswaldo. **Labirintos da alma: Nietzsche e a supressão da moral**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

KOSSOVICH, Leon. **Signos e poderes em Nietzsche**. São Paulo: Àtica, 1979.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a Verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

---- **Zaratustra, tragédia nietzscheana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

MOSÈ, Viviane. Nietzsche e a genealogia do sujeito. In: PIMENTA NETO, Olímpio José & BARRENECHEA, Miguel Angel de (orgs) **Assim Falou Nietzsche**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **A doutrina da vontade de poder em Nietzsche**. Tradução de Oswaldo Giacóia Jr. São Paulo: ANNABLUME, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. **A visão dionisíaca do mundo, e outros textos de juventude**. Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Maria Cristina dos Santos de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____ **A gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____ **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____ **Assim falava Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém**. Tradução de Paulo Osório de Castro. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1998.

_____ **Aurora: reflexões sobre preconceitos morais**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____ **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____ **Ecce Homo: como alguém se torna o que é.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____ **O Anticristo.** Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70.

_____ Introdução teórica sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral. **O livro do filósofo.** Tradução de Ana Lobo. Porto: Rés, 1999.

_____ **O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo.** Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ONATE, Alberto Marcos. **O crepúsculo do sujeito em Nietzsche ou como abrir-se ao filosofar sem metafísica.** São Paulo, Discurso Editorial-Editora Unijuí, 2000.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche e a música.** Rio de Janeiro: Imago Ed., 1994.

VENTURINHA, Nuno. Sobre a Metamorfoseabilidade da Experiência em Die Geburt der Tragödie. In. MARTON, Scarlett (coord.) **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, n. 16, pp. ;99 – 119, 2004.